

DOROTHY KOOMSON

bons sonhos,  
meu amor

Arriscaria tudo por amor?

Tradução de Vera Falcão Martins

 Porto  
Editora

## Prólogo

Ele está sempre a chorar.

Mesmo quando não derramam lágrimas, os seus olhos têm o vazio atormentado de quem chora por dentro.

Quero ajudá-lo, mas ele não me deixa aproximar. Chora sozinho, fechado no quarto que, em tempos, era para ser do bebé. Dorme de costas voltadas para mim, como uma sólida muralha de carne que não deixa o mundo entrar. Fala comigo com palavras vazias, em frases que não possuem um significado mais profundo. Costumava tecer tudo o que dizia com os fios da intensidade do seu amor. Agora, fala comigo porque a isso é obrigado. Agora, nada do que diz tem interesse ou significado.

A dor é tão grande, tão imensa que nela se debate. Nada às cegas como se estivesse num mar revolto, à noite. Nada contra o reventar das ondas e não chega a lugar nenhum. A cada dia que passa, afunda-se mais naquelas profundezas. Afasta-se da superfície. Da vida. De mim. Agarra-se apenas à perda. Nada mais importa. Quero dar-lhe a mão, levar-nos aos dois para porto seguro. Fazer dele um homem completo outra vez; acalmar-lhe as feridas e ajudá-lo a sarar.

Não tenta, porém, alcançar-me. Em vez disso, recua, preferindo fazer isto sozinho. Porque me culpa. Culpa-se a si mesmo. E culpa-me *a mim*.

Também me culpo a mim mesma. Mas culpo-a ainda a ela. Nova. Também é culpa sua, responsabilidade sua. Se não fosse ela...

Acima de tudo, culpo-me a mim. Acima de tudo, quero que ele pare de chorar, de sofrer, de penar com toda a sua alma.

Não compreendo o sentimento de perda que partilha com Nova. Duvido que alguma vez venha a compreendê-lo. Compreendo, porém, o meu marido. Não tardarei a perdê-lo. Irá acontecer precisamente aquilo que tentei evitar ao fazer o que fiz e dizer o que disse. Mas, desta vez, não o perderei para outra mulher e para o seu filho por nascer, para ela e para o seu bebé, mas sim para ele próprio.

Consigo prever o que vai acontecer: vai afogar-se na sua dor, afundar-se tanto que não será capaz de emergir. Será puxado para aquelas profundezas lúgubres e cinzentas e nunca mais voltará a viver. A única coisa que poderei fazer é ficar em terra e observar.

*Ela agarrou-lhe desajeitadamente os sapatos e descalçou-lhos; ele viu -a tirar-lhe a meia e, depois, sentiu frio debaixo dos dedos dos pés. Como na banheira, antes do banho: frio.*

*Há água.*

*Uma grande, grande, GRANDE banheira.*

*- Estamos na praia - disse a Mamã.*

*- Praia! - exclamou ele.*

*- E ali é o mar.*

*- Mar!*

*- Anda, vamos molhar os pés.*

*Ele apontou.*

*- Os dedos dos pés?*

*- Sim - respondeu ela. - Dedos dos pés no mar.*

*Segurou-lhe a mão; estava quente, como sempre. A sua mão estava quente e os dedos dos pés dele estavam frios. Foi com ele até ao mar.*

*- A água está fria - avisou.*

*- Fria!*

*Então, os dedos dos pés dele desapareceram. Já não havia dedos, apenas mar.*

*- Ena! - gritou a Mamã, cujos dedos dos pés também ficaram submersos.*

*- Ena! - gritou ele.*

*- Ena! - gritaram em conjunto. - Ena!*

*Leo, dezoito meses de vida*